

# 1

Os jornais humorísticos do século XIX informam que Sua Majestade o Sr. D. Pedro II, Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, protetor das Ciências e das Artes, também chamado pelo vulgo de Pedro Banana, tinha o curioso hábito de repetir “já sei, já sei”. Falavam-lhe muitas e variadas coisas e, para defender-se do tédio, ele abreviava as conversas. Usava solenes barbas em leque, muito branquinhas, e isso era o bastante para que não insistissem. Tinha horror às disputas, mas suas decisões eram categóricas. Uma vez implicou com o Barão do Rio Branco e não o incluiu na comitiva que iria à Exposição da Filadélfia. “Assim o quero”, disse, e a História ainda aguarda as razões. Na Exposição, Sua Majestade proferiu a interessante frase “to be or not to be” no bocal do aparelho inventado por Mr. Bell, e foi ouvido na outra ponta do fio.

Como não tivemos Idade Média, esse talentoso monarca preenchia nossas vagas aspirações de antigüidade e nobreza. D. Pedro II não foi amado nem temido: foi uma necessidade romântica.

Antes, algum breve tempo antes da morte anônima de Cecília, o Mordomo-mor da Casa Imperial, em seu gabinete do Paço, desde manhã cedo vasculhava pilhas de documentos. Qualquer coisa estava errada nos papéis da

viagem que fizeram D. Pedro e D. Teresa Cristina à Província do Rio Grande do Sul. Faltava algo, o que é a pior forma de erro. Foi à Sala dos Despachos e perguntou ao Monarca se guardava lembrança de um certo estancieiro gaúcho chamado Francisco da Silva, em cuja casa estivera hospedado. A Imperial Pessoa refletiu, olhando para o reposteiro de veludo verde, onde se bordavam em ouro as armas do Brasil. Fixou-se nos ramos de tabaco e café, que se misturavam às ancestrais armas portuguesas. Disse em sua voz feminina, da qual tanto se envergonhava:

– Não lembro. – Apesar de já instalado o outono oficial, que o fizera descer das amenas temperaturas de Petrópolis, sentia muito calor. Refrescava-se com um abanico dos índios pataxós. Com isso homenageava seu gigantesco Império tropical e indígena. O Mordomo vinha-lhe agora falar sobre o Sul, esse território gélido, meio castelhano, bárbaro, lugar de guerras e sedições, pouco brasileiro. Disse o Imperador: – Vinte anos se passaram.

– Vinte e um, Majestade. – O Mordomo então informou o recebimento de uma petição minúscula, escrita em letra de criança, em que o tal estancieiro pedia o cumprimento da promessa de ser agraciado com o título de Barão da Serra Grande. Sua Majestade lhe teria prometido a mercê ao agradecer a hospedagem.

– Já sei, já sei...

O Mordomo de imediato teve a certeza de que não conseguiria nada. Pediu licença, curvou-se e voltou para seu gabinete, ao lado da Sala dos Despachos. Sentou-se à mesa de trabalho. Batia com os dedos no feltro que recobria o tampo de cedro. Lembrou-se, numa inspiração, do Cro-

nista da Casa Imperial. Ele acompanhara D. Pedro ao Sul. Mandou chamá-lo ao Paço.

Uma hora depois o homem chegava. Tinha, como se diz, uma “certa idade”. Era muito magro e triste.

– Ah! – disse o Mordomo, com falsa alegria. Não gostava dele, por esses motivos ignorados. – Boa-tarde. Sente-se. Esteja cômodo. Como está passando, Senhor Doutor? Ótimo. Vamos ao ponto: Vosmecê lembra-se de um estancieiro gaúcho chamado Francisco da Silva, a quem Sua Majestade teria prometido o título de Barão da Serra Grande? – Pegou o papel, mostrou-o. O Cronista, que se considerava um historiador antes de mais nada, lançou um olhar ao documento. Eram apenas três linhas, em letra de quem começa a aprender as palavras. O Mordomo retomou a petição: – Ele escreveu esse requerimento a Sua Majestade, pedindo o cumprimento da promessa. Não se lembra? – O Mordomo irritou-se. – Como não? Mas Vosmecê não o conheceu quando foi ao Rio Grande do Sul? Vosmecê não se hospedou na estância dele, junto com a comitiva de Sua Majestade?

– Talvez. Mas isso faz muito tempo. Foram muitos os pousos, e as estâncias são todas iguais. E não vejo razão nenhuma para prestar atenção a uma coisa dessas. Além disso, já não tenho a memória de antes.

O Mordomo suspirou. Se o Cronista da Casa Imperial, que deveria escrever e registrar tudo o que sucedia com o Imperador, se o Cronista não se lembrava, o caso ficaria insolúvel. O amanuense veio entregar-lhe um envelope:

– O portador espera resposta.

O Mordomo quebrou o lacre do brasão episcopal e abriu o envelope. O Bispo Metropolitano fazia ver a Sua Majestade que não deveria desamparar a solicitação de Francisco da Silva. Era um dos católicos mais devotos, e doara uma quantia importante para a conclusão do prédio da Cúria de Porto Alegre. O Mordomo caiu em si: esse maldito Francisco da Silva escrevera para todo mundo na Corte e as cartas haviam chegado ao Rio de Janeiro pelo mesmo barco postal. Mas por que só agora, passados vinte e um anos, se lembrava de reclamar o título?

– Diga ao portador... – falava ao amanuense – quem é o portador?

– Um cônego.

– Pois diga a esse cônego que o documento terá sua tramitação normal e que Sua Majestade pretende examiná-lo no menor prazo possível.

Quando o funcionário saiu, o Mordomo voltou-se para o Historiador. Esse homem, com sua acusadora magreza, com sua pele de aparência vegetal, com seus cabelos brancos e secos sempre precisando de pente, tinha o olhar abstrato, posto no chão. Pela maneira como unia as sobrancelhas, deveria estar pensando: “Aqui precisa um novo tapete”. Mas não. Estava atento a seu mal. Um zunir que lhe atormentava os ouvidos, um chiado de mil cigarras. Um concerto obtuso de grilos alucinados que ocupava seus dias. O Mordomo lhe falava:

– Precisamos esclarecer esse caso, antes que os republicanos tomem conhecimento.

– Por que não se pergunta ao Bispo?

Houve uma impaciente ironia na resposta:

– Um imperador não pergunta nada a bispos. – De fato, o Mordomo detestava aquele homem. Agora descobriria por quê: ele sempre dava a impressão de estar longe de onde estava. E ainda era capaz de lhe dizer isso:

– Pois ignore o requerimento, que é tão grosseiro.

Então o Historiador, em meio ao atordoamento de sua nuvem de insetos, precisou escutar uma furiosa resposta: o Império também era constituído por pessoas simples, e todos são súditos de Sua Majestade, e mesmo escrevendo daquele jeito, mereciam a paternal atenção do Monarca. O Mordomo levantou-se:

– Procure avivar a sua memória. Isso exijo não apenas eu, mas a própria Coroa e, ainda, toda a Nação.

– Vou consultar meus cadernos de notas.

– Faça-o logo. Eu, se estivesse naquela comitiva, eu saberia.

– Se fosse assunto digno da História. – Erguendo-se, pôs o chapéu, pegou a bengala de cana flexível. – Preciso de um certo prazo. Informo qualquer novidade. Adeus.